

Uma nota sobre o desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre, no período recente*

Raul Luis Assumpção Bastos**

Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisador em Economia da Fundação de Economia e Estatística (FEE)

Resumo

O objetivo desta nota é tratar sucintamente das tendências do desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre, no período que inicia em 2011 e se estende até o primeiro semestre de 2016. São apresentadas evidências de que a fase de descenso do desemprego, de 2011 a 2014, foi sustentada, fundamentalmente, pelo processo de redução da taxa de participação na força de trabalho. Posteriormente, na conjuntura de recessão econômica, a inflexão na trajetória do desemprego foi causada pela combinação da queda da taxa de ocupação com o aumento da taxa de participação na força de trabalho, em 2015, e, no primeiro semestre de 2016, pela retração da taxa de ocupação. Ao desagregar-se a força de trabalho por características sociodemográficas, constatou-se redução do desemprego para todos os segmentos no período 2011-14. Durante a crise econômica, o desemprego aumentou comparativamente mais entre os homens, os adultos, os chefes de família, os negros e os indivíduos com ensino médio completo.

Palavras-chave: desemprego; características sociodemográficas dos desempregados; mercado de trabalho metropolitano

Abstract

The purpose of this note is to briefly outline the trends of unemployment in the Metropolitan Area of Porto Alegre, in the period between 2011 and the first half of 2016. Evidence is presented that the period of declining unemployment rates, between 2011 and 2014, was supported, primarily, by the process of reduction of the labor force participation rate. Later on, in the context of economic recession, the inflection in the unemployment trend was caused by the combination of the decline of the employment rate and the increase of the labor force participation rate in 2015 and by the reduction of the employment rate in the first half of 2016. By disaggregating the labor force by sociodemographic characteristics, it was found that unemployment decreased for all segments in the period between 2011 and 2014. During the economic crisis, unemployment increased more among men, adults, family heads, black people and individuals with a high school diploma.

Keywords: unemployment; sociodemographic characteristics of unemployed people; metropolitan labor market

1 Introdução

O objetivo desta nota é apresentar sucintamente as tendências do desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), no período que se estende de 2011 ao 1.º sem./2016. Para tanto, utiliza-se a base de dados

* Artigo recebido em 03 out. 2016.

Revisora de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

** E-mail: bastos@fee.tche.br

O autor agradece as críticas e sugestões de Fernanda Rodrigues Vargas, Iracema Castelo Branco, Jorge Augusto Silveira Verlindo, Michele Krieger Bohnert, Patrícia Klaser Biasoli e Virginia Donoso a uma versão preliminar do artigo. Erros e omissões por acaso remanescentes são de sua inteira responsabilidade.

da Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMPA (PED-RMPA), a partir da qual foram construídos os indicadores de interesse.

Em termos contextuais, o período em foco compreende uma fase de baixas taxas de crescimento da economia brasileira e de volatilidade nas do Rio Grande do Sul (2011-14) e outra de intensa recessão econômica para ambas (2015 e o 1.º sem./2016). Em linhas gerais, na primeira delas, ocorreu continuidade do processo de queda no desemprego na RMPA, a ponto de este atingir o piso da série histórica da PED-RMPA, em 2014 (Bastos, 2014; Branco, 2015). Portanto, trata-se de uma conjuntura em que o modesto desempenho da economia em termos de taxas de crescimento do produto — à exceção de 2013 no Rio Grande do Sul — não interrompeu a tendência de descenso no desemprego, ainda que a tenha arrefecido. Na última, que se estende de 2015 ao 1.º sem./2016, a recessão econômica abateu-se fortemente sobre o mercado de trabalho da RMPA, fazendo com que houvesse uma inflexão na trajetória do desemprego, elevando-o para patamar próximo ao de 2009 (Bastos, 2016; Verlindo, 2016).

Além do comportamento do desemprego na RMPA em termos agregados, procura-se também, nesta nota, contribuir para o conhecimento de sua evolução no período em análise por características sociodemográficas selecionadas — sexo, idade, raça/cor, posição na família e escolaridade. Nesse sentido, se há tendências comuns dos diferentes segmentos da força de trabalho (FT) na incidência do desemprego, cabe ir além dessa possibilidade e investigar como evoluíram as desigualdades entre eles, uma vez que, no decênio anterior, um período de estruturação do mercado de trabalho regional, elas se haviam reduzido (Bastos, 2013).

No que segue, esta nota está assim estruturada: na seção 2, trata-se do comportamento do desemprego em termos agregados na RMPA no período de 2011 ao 1.º sem./2016; na seção 3, analisa-se esse desempenho por características sociodemográficas selecionadas; e, por último, nas **Considerações finais**, é apresentada uma síntese das principais evidências relativas ao desemprego proporcionadas por este trabalho.

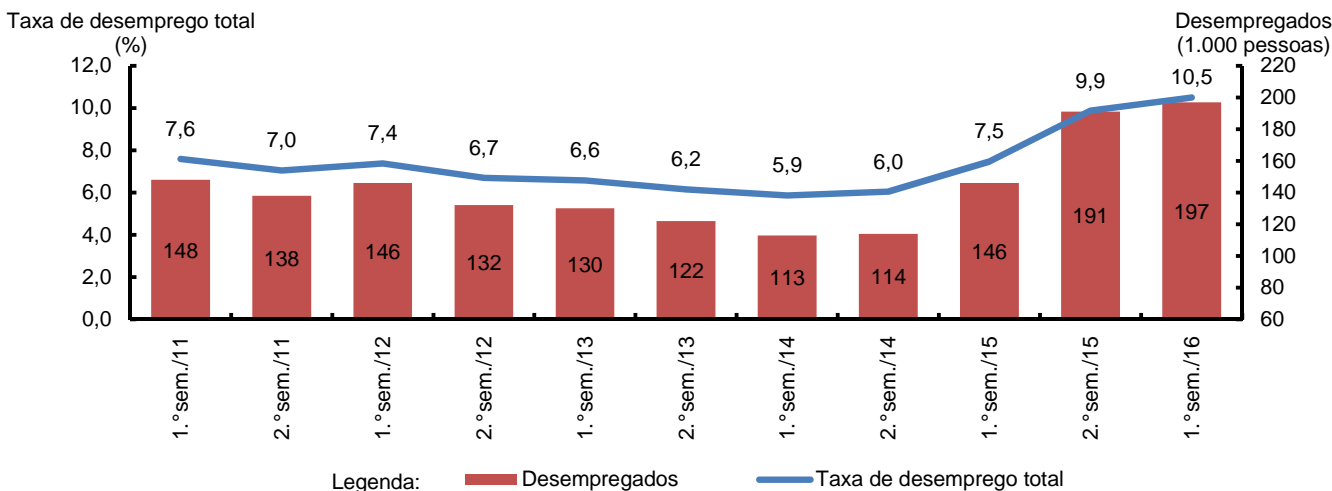
2 Aspectos do desemprego em termos agregados

Neste artigo, utilizam-se indicadores semestrais do mercado de trabalho da RMPA relativos ao período que se estende de 2011 a 2016. Portanto, está tratando-se com um período que compreende uma fase de baixo crescimento econômico (1.º sem./2011 ao 2.º sem./2014) e outra de intensa recessão econômica (1.º sem./2015 ao 1.º sem./2016).

Iniciando pelo comportamento do desemprego em termos agregados, pode-se constatar que a taxa de desemprego total na RMPA evidencia uma trajetória de redução do 1.º sem./2011 ao 1.º sem./2014 — com a exceção do 1.º sem./2012 —, tendo passado de 7,6% para 5,9% e mantendo-se, no 2.º sem./2014, praticamente estável em 6,0% (Gráfico 1). No que diz respeito ao contingente de desempregados, este diminuiu de 148 mil pessoas no 1.º sem./2011 para 113 mil no 1.º sem./2014, pouco se alterando no 2.º sem./2014, quando se situou em 114 mil pessoas.

Gráfico 1

Taxa de desemprego total e contingente de desempregados na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTE/FAT (PED, 2009).

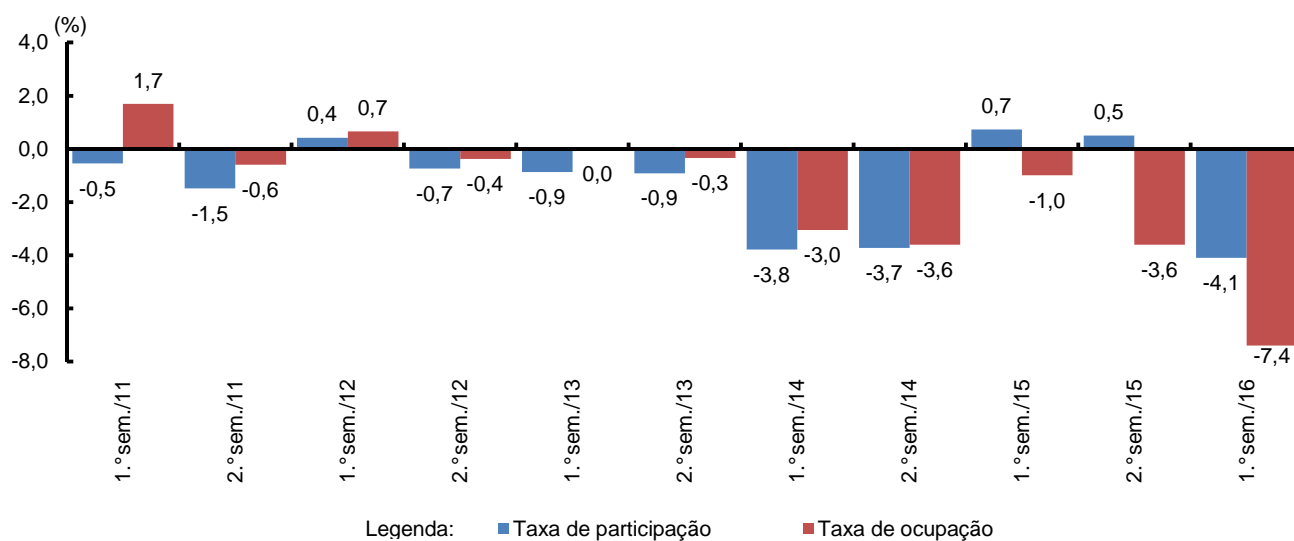
Todavia a partir do 1.º sem./2015, em uma conjuntura de contração econômica, a trajetória da taxa de desemprego total apresentou inflexão, pois passou a ser de intenso aumento, atingindo 10,5% no 1.º sem./2016, nível muito mais elevado ao do 1.º sem./2014, bem como bastante superior ao do 1.º sem./2011. O estoque de desempregados ampliou-se dramaticamente, chegando a 197 mil pessoas no 1.º sem./2016 — acréscimo de 84 mil pessoas em comparação ao 1.º sem./2014 e de 49 mil em relação ao 1.º sem./2011.

Na medida em que os períodos 2011-14 e 2015-16 mostram comportamentos claramente distintos da taxa de desemprego total na RMPA, procura-se acrescentar elementos que contribuam para a compreensão a respeito dessas diferenças. Nesse sentido, ao se incorporarem dois outros indicadores do mercado de trabalho — a taxa de participação na força de trabalho (FT) e a taxa de ocupação —, é possível avançar no conhecimento sobre essas diferenças entre os dois períodos nas trajetórias da incidência do desemprego.¹

Tendo como referência esse propósito, o Gráfico 2 apresenta as variações² desses indicadores e da taxa de desemprego total do 1.º sem./2011 ao 1.º sem./2016 na RMPA. Conforme se pode constatar, no período que se estende de 2011 a 2014, o comportamento predominante da taxa de ocupação foi de queda, sendo exceções o 1.º sem./2011 e o 1.º sem./2012, nos quais esse indicador teve um desempenho positivo. No que diz respeito à taxa de participação na FT, em praticamente todo o período 2011-14, ela evidenciou retração, excetuando-se o 1.º sem./2012, no qual se elevou. Portanto, afóra o 1.º sem./2011 e o 1.º sem./2012, o declínio da taxa de desemprego total no período 2011-14 deveu-se integralmente ao processo de redução da taxa de participação na FT, ou seja, a fatores que operaram pelo lado da oferta de FT, o que se coadunou com o ambiente de arrefecimento na demanda de FT.

Gráfico 2

Variações da taxa de participação na força de trabalho e da taxa de ocupação, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.
NOTA: Taxa de variação do semestre em relação ao mesmo semestre do ano anterior.

¹ A fórmula tradicional da **taxa de desemprego** é:

$$TD = (D/PEA) \times 100.$$

Sendo que:

TD é igual à taxa de desemprego;

D é o contingente de desempregados;

PEA é a População Economicamente Ativa.

Todavia a taxa de desemprego (TD) pode ser obtida por uma fórmula alternativa:

$$TD = [1 - (TO/TP)] \times 100.$$

Na qual:

TO é a taxa de ocupação → (Contingente de ocupados/População em Idade Ativa) x 100;

TP é a taxa de participação na FT → (População Economicamente Ativa/População em Idade Ativa) x 100.

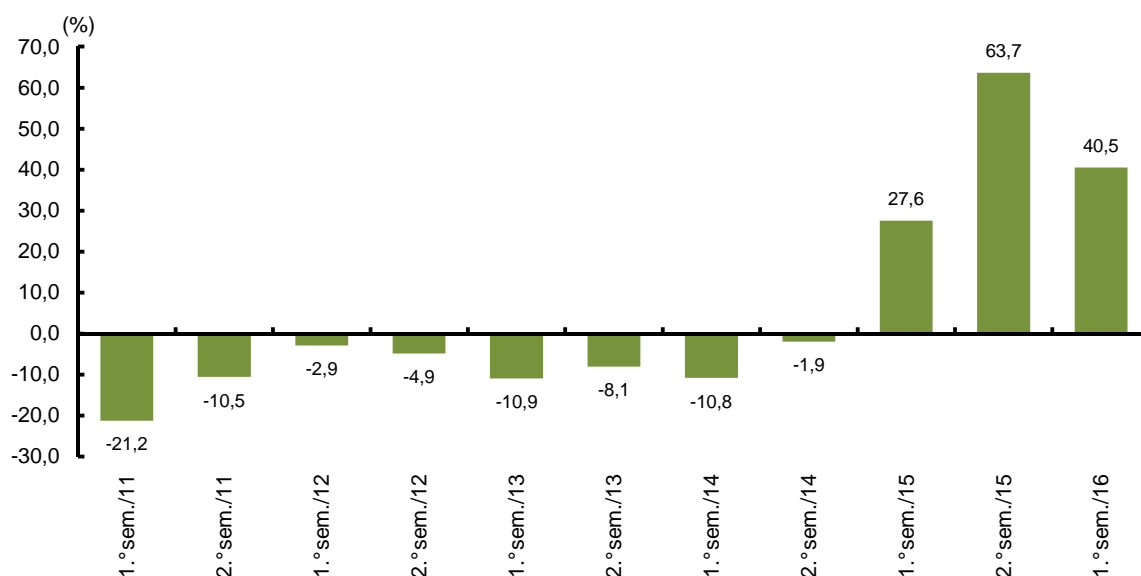
Por meio da fórmula alternativa, fica claro que a taxa de desemprego tem uma relação inversa com a taxa de ocupação e direta com a taxa de participação na FT. Ou seja, aumentos da taxa de ocupação, com uma dada taxa de participação na FT, implicam redução da taxa de desemprego. De forma distinta, acréscimos da taxa de participação na FT, com uma dada taxa de ocupação, terão como consequência o aumento da taxa de desemprego. Ver a esse respeito Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2015, p. 32).

² Trata-se de variações de um semestre em relação ao mesmo semestre do ano anterior.

No ano de 2015, em uma conjuntura de recessão econômica, a inflexão na trajetória do desemprego deveu-se à combinação da continuidade da queda na taxa de ocupação, com a elevação da taxa de participação na FT, o que implicou acréscimos na taxa de desemprego total de 27,6% no 1.º sem./2015 e de 63,7% no 2.º sem. /2015 (Gráfico 3). Já no 1.º sem./2016, o aumento do desemprego (40,5%) foi causado somente pela redução da taxa de ocupação (-7,4%) — a mais intensa de todo o período —, uma vez que a grande queda da taxa de participação na FT (-4,1%) operou no sentido de se contrapor à ampliação do desemprego na RMPA.

Gráfico 3

Variações da taxa de desemprego total na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem. /2016



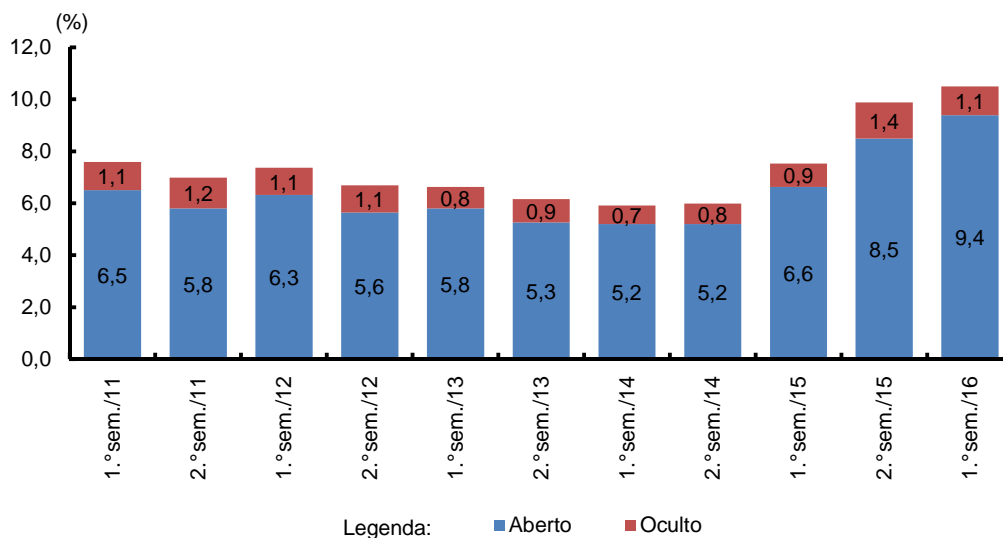
FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.
NOTA: Taxa de variação do semestre em relação ao mesmo semestre do ano anterior.

Analisando-se a incidência do desemprego na RMPA por tipo³, constata-se que a taxa de desemprego aberto oscilou entre o 2.º sem./2011 e o 1.º sem./2012, mas após ingressou em um processo de descenso, atingindo o seu piso no 1.º sem./2014 (5,2%) — Gráfico 4. De forma distinta, a taxa de desemprego oculto teve um processo de redução mais localizado, circunscrito ao período compreendido entre o 1.º sem./2013 e o 1.º sem./2014, uma vez que passou de 1,1% (2.º sem./2012) para 0,7%. No primeiro ano da recessão econômica, ambos os tipos de desemprego elevaram-se, tendo a taxa de desemprego aberto aumentado para 8,5% no 2.º sem./2015, e a taxa de desemprego oculto, para 1,4%. Todavia, no 1.º sem./2016, os tipos de desemprego tiveram comportamentos divergentes, uma vez que a taxa de desemprego aberto manteve o seu processo de crescimento — atingiu 9,4% —, enquanto a taxa de desemprego oculto se retraiu, para 1,1%. Nesse sentido, quando se comparam o 2.º sem./2014 e o 1.º sem./2016, do acréscimo de 3,5 pontos percentuais na taxa de desemprego total no período recessivo, 3,2 pontos percentuais deveram-se à ampliação do desemprego aberto, e 0,3 ponto percentual, à do desemprego oculto.

³ Sobre o conceito de desemprego por tipo, ver Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED, 2009).

Gráfico 4

Taxa de desemprego, por tipo, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016

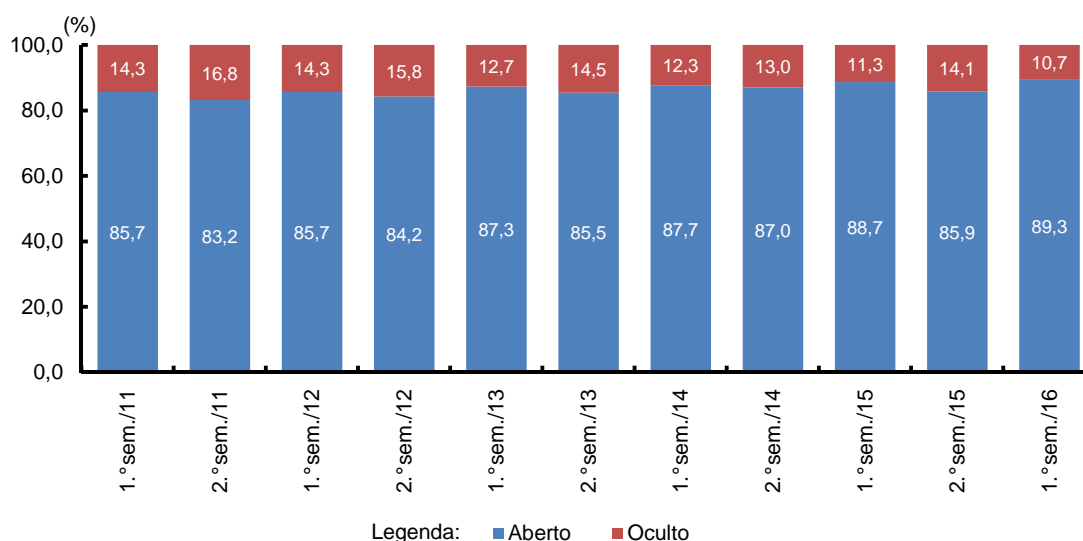


FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

No que diz respeito à composição do contingente de desempregados por tipo, embora esta tenha oscilado ao longo do período de análise, ela evidencia um aumento do peso relativo do desemprego aberto no desemprego total da RMPA (Gráfico 5). No período em que o desemprego mantinha a sua trajetória de descenso, a parcela relativa de indivíduos em desemprego aberto ampliou-se de 85,7% no 1.º sem./2011 para 87,0% no 2.º sem./2014. Durante a recessão econômica, esse processo teve continuidade, com a proporção de indivíduos em desemprego aberto passando para 89,3% do desemprego total no 1.º sem./2016, o maior patamar do período analisado. Deve-se ter presente que o aumento do peso relativo do desemprego aberto no período de baixo crescimento econômico (1.º sem./2011-2.º sem./2014) foi causado pelo fato de que nele se reduziu mais intensamente a taxa de desemprego oculto *vis-à-vis* a taxa de desemprego aberto, enquanto, no período de recessão econômica (1.º sem./2015-1.º sem./2016), aquele foi ocasionado por uma elevação mais acelerada da taxa de desemprego aberto em comparação à da taxa de desemprego oculto.

Gráfico 5

Composição do desemprego, por tipo, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

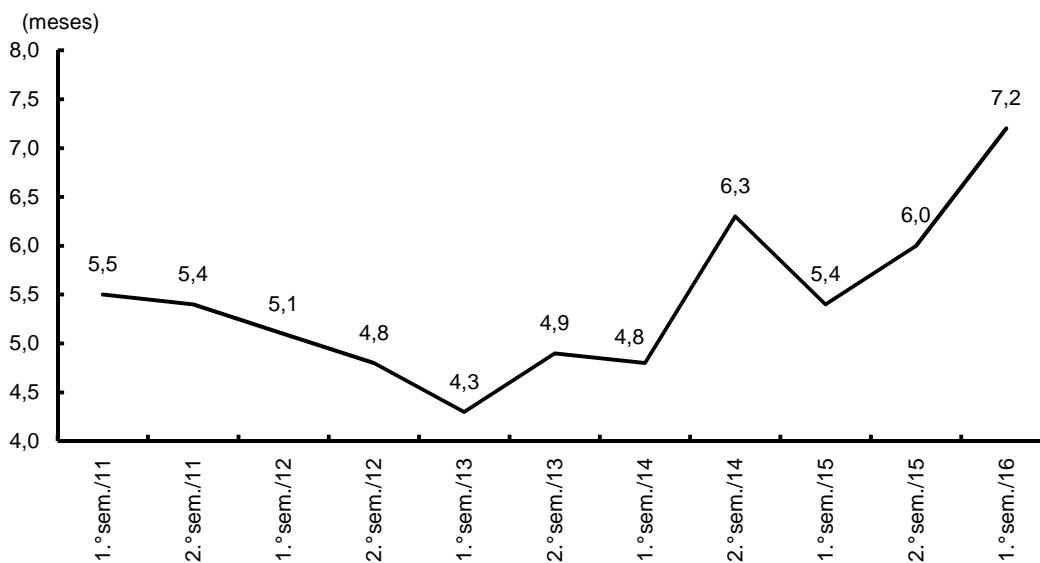
É também relevante assinalar que a mudança na composição do desemprego por tipo, no período 2011-14, deve ter-se sustentado no processo de estruturação do mercado de trabalho da RMPA na primeira década do

século XXI, no qual foi muito vigorosa a geração de empregos com registros formais (Arandia, 2013).⁴ Pois é a formalização das relações de trabalho que torna possível que aqueles que venham a experimentar o desemprego tenham maior chance de preencherem os critérios de acesso ao seguro-desemprego e, portanto, não precisem recorrer imediatamente a trabalhos precários como estratégia de sobrevivência. Já no contexto da recessão econômica, o avanço do peso relativo do desemprego aberto no desemprego total foi, muito provavelmente, determinado pela severidade da contração do nível ocupacional.

Outra dimensão do desemprego — o tempo médio de procura por trabalho — mostra um processo de redução na RMPA até o 1.º sem./2013, quando atingiu 4,3 meses, menor patamar do período analisado (Gráfico 6). A partir do 2.º sem./2013, a tendência desse indicador foi de crescimento, somente interrompida no 1.º sem./2015. Assim, no 1.º sem./2016, em um ambiente de crise econômica, o tempo médio de procura por trabalho dos desempregados havia alcançado 7,2 meses, maior nível desde o 1.º sem./2011. Do que está exposto, fica claro que o tempo médio de procura por trabalho, do 2.º sem./2012 ao 1.º sem./2014, chegou a se situar em um patamar próximo à duração máxima de concessão do seguro-desemprego no País, que era de 4,0 meses até então.⁵ Utilizando como ponto de corte a duração máxima da concessão do seguro-desemprego no País, é também interessante conhecer a distribuição dos desempregados abaixo e acima do mesmo (Gráfico 7). Nesse sentido, na RMPA, a parcela relativa de desempregados com tempo de procura igual ou inferior a 4,0 meses era de 65,3% no 1.º sem./2011, tendo-se ampliado para 69,8% no 1.º sem./2014, o seu ponto máximo, o que pode ser tomado como uma situação mais favorável em termos de possibilidade de alcance da proteção social. Após o 1.º sem./2015, a proporção daqueles que exerciam a procura por trabalho em período superior a 5,0 meses evidencia um processo de acentuado crescimento, tendo atingido 48,7% no 1.º sem./2016, o que reflete a deterioração do mercado de trabalho na conjuntura de contração econômica.

Gráfico 6

Tempo médio de procura por trabalho dos desempregados, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016



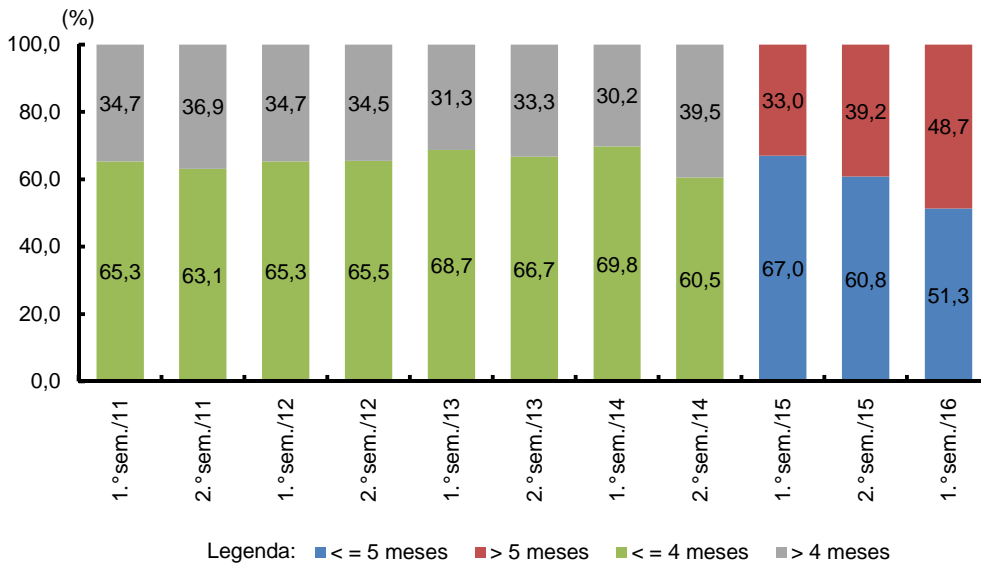
FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

⁴ Sobre esse tema no âmbito do mercado de trabalho do País, ver Cardoso Jr. (2007) e Krein, Santos e Moretto (2013).

⁵ Por meio da Medida Provisória n.º 665 do Governo Federal, de 30 de dezembro de 2014, o período máximo de concessão do seguro-desemprego no País passou a ser de 5,0 meses.

Gráfico 7

Distribuição dos desempregados, por tempo de procura por trabalho, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

3 Evolução do desemprego por características sociodemográficas

O propósito desta seção é incorporar à análise do desemprego características sociodemográficas selecionadas da FT — sexo, idade, raça/cor, posição na família e escolaridade. Isso permitirá conhecer a evolução das desigualdades em sua incidência entre os diferentes grupos populacionais na RMPA, no período que se estende do 1.º sem./2011 ao 1.º sem./2016.

Segmentando-se a FT por sexo, pode-se constatar que tanto a taxa de desemprego dos homens quanto a das mulheres evidenciou uma tendência de queda, até o 1.º sem./2014 (Tabela 1).⁶ Todavia a intensidade da redução da incidência do desemprego foi maior entre as mulheres, com o que a razão entre a sua taxa de desemprego e a dos homens passou de 1,48 no 1.º sem./2011 para 1,23 no 1.º sem./2014. A partir do 1.º sem./2015, com a recessão econômica, as taxas de desemprego de homens e de mulheres elevaram-se, tendo atingido 10,1% entre os primeiros no 1.º sem./2016 e 11,0% entre as últimas, os maiores níveis desde o 1.º sem./2011. Contudo, nesse ambiente de contração econômica, o mercado de trabalho deteriorou-se mais entre os homens, o que pode ser confirmado pelo fato de que a sua taxa de desemprego no 2.º sem./2015 ficou levemente acima (9,9%) do que a das mulheres (9,8%).⁷ Pode-se, portanto, afirmar que, apesar da conjuntura econômica adversa, não se interrompeu a continuidade da redução da desigualdade entre os sexos em termos de incidência do desemprego.

⁶ No caso específico das mulheres, ocorreu um aumento pontual da taxa de desemprego no 1.º sem./2012, quando comparado com o 2.º sem./2011.

⁷ Sobre essa mudança na posição relativa entre os sexos em termos de incidência do desemprego na RMPA, ver Biasoli (2015).

Tabela 1

Taxa de desemprego total e por características sociodemográficas, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016

DISCRIMINAÇÃO	1ºSEM/11	2ºSEM/11	1ºSEM/12	2ºSEM/12	1ºSEM/13	2ºSEM/13	1ºSEM/14	2ºSEM/14	1ºSEM/15	2ºSEM/15	1ºSEM/16
Total	7,6	7,0	7,4	6,7	6,6	6,2	5,9	6,0	7,5	9,9	10,5
Sexo											
Homens	6,2	6,1	6,1	5,4	5,4	5,4	5,3	5,5	6,8	9,9	10,1
Mulheres	9,2	8,1	8,8	7,9	7,9	7,0	6,5	6,7	8,3	9,8	11,0
Faixa etária											
De 10 a 15 anos	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
De 16 a 24 anos	17,1	14,8	16,1	15,5	14,6	14,1	14,1	14,7	16,3	22,9	23,8
De 25 a 39 anos	7,0	6,8	6,8	6,0	6,5	5,3	5,4	5,8	6,8	8,9	10,2
De 40 a 59 anos	3,8	3,8	3,9	3,5	3,1	3,5	2,9	3,0	4,7	5,8	6,3
60 anos ou mais	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
Raça/cor											
Negros	11,1	11,1	10,8	10,3	8,6	8,7	8,0	9,1	9,2	16,2	16,5
Não negros	7,1	6,5	6,9	6,2	6,3	5,8	5,6	5,5	7,2	7,2	9,7
Posição na família											
Chefe	4,2	4,2	4,3	4,1	3,6	3,7	3,1	3,5	5,0	7,0	7,5
Cônjuge	6,8	5,7	5,7	5,6	6,0	5,3	4,9	5,0	5,7	7,7	6,8
Filho	14,5	13,5	14,8	12,5	12,7	11,4	12,4	11,6	14,0	17,0	20,0
Demais membros	12,4	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	17,7	17,6
Escolaridade											
Analfabetos	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
Fundamental incompleto ..	7,9	7,8	7,2	7,5	6,7	7,8	6,3	7,7	9,4	12,7	11,8
Fundamental completo (2)	11,1	10,5	10,6	9,9	9,2	8,7	9,4	9,0	10,9	13,8	15,5
Médio completo (3)	7,4	6,6	7,4	6,2	6,7	5,6	5,5	5,5	7,0	9,5	10,2
Superior completo	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	3,7	4,3

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTE/FAT.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria. (2) Inclui indivíduos com ensino médio incompleto. (3) Inclui indivíduos com ensino superior incompleto.

Procura-se avançar na compreensão das tendências acima esboçadas do desemprego de homens e de mulheres na RMPA, cotejando-as com os comportamentos da taxa de ocupação e da taxa de participação na FT de cada um dos sexos (Tabelas 2 e 3). Nesse sentido, pode-se perceber que, ao se comparar o 1.º sem./2011 e o 1.º sem./2014, a redução da taxa de ocupação masculina foi bem mais expressiva do que a da feminina, o mesmo não se podendo afirmar em relação à taxa de participação na FT, pois, para ambos os sexos, essa caiu em intensidade semelhante. Assim, no período que se estende até o 1.º sem./2014, a redução da desigualdade entre homens e mulheres na incidência do desemprego é explicada pelo comportamento da taxa de ocupação, que se retraiu de forma mais acentuada entre os homens. No contexto da crise econômica, o que fez com que a taxa de desemprego dos homens ultrapassasse a das mulheres, no 2.º sem./2015, foi que a taxa de ocupação dos primeiros continuou diminuindo mais do que a das últimas, não obstante — aspecto distintivo — a taxa de participação na FT feminina tenha aumentado, e a masculina tenha-se reduzido, em comparação ao 2.º sem./2014.

Tabela 2

Taxa de ocupação total e por características sociodemográficas, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016

DISCRIMINAÇÃO	1ºSEM/11	2ºSEM/11	1ºSEM/12	2ºSEM/12	1ºSEM/13	2ºSEM/13	1ºSEM/14	2ºSEM/14	1ºSEM/15	2ºSEM/15	1ºSEM/16
Total	52,7	53,1	53,0	52,9	53,0	52,8	51,4	50,9	50,9	49,0	47,1
Sexo											
Homens	61,7	61,9	61,9	61,5	62,2	61,1	59,8	60,0	59,6	56,6	55,0
Mulheres	44,7	45,4	45,2	45,5	45,0	45,4	44,1	43,1	43,4	42,5	40,4
Faixa etária											
De 10 a 15 anos	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
De 16 a 24 anos	55,8	57,6	55,9	55,2	55,8	55,3	53,1	52,2	52,2	47,0	43,1
De 25 a 39 anos	78,4	79,2	78,6	79,1	78,4	80,0	78,0	77,8	77,5	75,6	73,5
De 40 a 59 anos	66,7	67,6	67,9	68,2	68,2	67,7	67,7	67,1	66,0	65,0	63,0
60 anos ou mais	15,3	16,2	16,2	15,9	15,7	15,0	15,6	14,8	15,3	15,1	14,3
Raça/cor											
Negros	50,4	50,9	50,3	50,0	51,7	50,3	49,7	48,9	48,1	47,0	43,9
Não negros	53,0	53,4	53,4	53,4	53,2	53,1	51,2	51,6	51,4	51,4	47,5
Posição na família											
Chefe	63,1	62,7	63,1	62,1	62,3	61,2	60,2	58,9	58,8	56,4	55,0
Cônjuge	51,6	53,0	52,9	53,1	51,7	52,2	51,2	50,2	50,0	51,2	48,7
Filho	40,6	41,6	41,0	41,7	42,1	42,7	40,5	41,9	41,1	38,4	35,8
Demais membros	39,9	39,9	39,7	40,0	40,5	38,4	37,3	34,7	38,5	34,3	32,4
Escolaridade											
Analfabetos	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
Fundamental incompleto ..	32,7	31,9	32,8	32,5	32,5	30,9	30,3	29,3	29,7	28,4	26,9
Fundamental completo (2)	51,7	54,1	52,4	52,9	51,7	51,7	50,2	48,0	47,9	46,3	43,6
Médio completo (3)	69,4	70,1	68,7	69,5	68,5	69,7	66,7	66,6	64,7	63,1	61,0
Superior completo	76,6	75,6	76,6	74,6	75,0	74,2	74,3	72,9	72,3	71,4	69,6

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTE/FAT.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria. (2) Inclui indivíduos com ensino médio incompleto. (3) Inclui indivíduos com ensino superior incompleto.

Tabela 3

Taxa de participação na força de trabalho total e por características sociodemográficas,
na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1ºsem./2011 - 1ºsem./2016

	(%)										
DISCRIMINAÇÃO	1ºSEM/11	2ºSEM/11	1ºSEM/12	2ºSEM/12	1ºSEM/13	2ºSEM/13	1ºSEM/14	2ºSEM/14	1ºSEM/15	2ºSEM/15	1ºSEM/16
Total	57,0	57,2	57,2	56,7	56,7	56,2	54,6	54,1	55,0	54,4	52,7
Sexo											
Homens	65,8	66,0	66,0	65,4	65,8	64,6	63,1	63,4	64,0	62,9	61,2
Mulheres	49,2	49,4	49,6	49,2	48,9	48,9	47,1	46,2	47,3	47,1	45,4
Faixa etária											
De 10 a 15 anos	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
De 16 a 24 anos	67,3	67,6	66,6	65,3	65,3	64,5	61,8	61,2	62,3	60,9	56,6
De 25 a 39 anos	84,3	85,0	84,3	84,2	83,9	84,5	82,4	82,5	83,2	83,0	81,8
De 40 a 59 anos	69,3	70,3	70,6	70,7	70,4	70,1	69,8	69,2	69,3	69,0	67,3
60 anos ou mais	15,6	16,6	16,5	16,2	16,0	15,3	15,8	15,0	15,7	15,7	14,7
Raça/cor											
Negros	56,6	57,3	56,4	55,7	56,5	55,1	54,0	53,7	53,0	56,1	52,6
Não negros	57,0	57,1	57,4	56,9	56,7	56,4	54,7	54,2	55,3	55,3	52,7
Posição na família											
Chefe	65,9	65,5	65,9	64,8	64,7	63,6	62,1	61,1	61,9	60,6	59,4
Cônjuge	55,3	56,2	56,1	56,2	55,0	55,2	53,8	52,8	53,1	55,4	52,3
Filho	47,5	48,1	48,1	47,7	48,3	48,2	46,2	47,4	47,8	46,2	44,7
Demais membros	45,5	44,7	44,4	44,3	45,1	42,8	40,7	38,9	43,3	41,7	39,3
Escolaridade											
Analfabetos	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -	(1) -
Fundamental incompleto ...	35,5	34,6	35,3	35,2	34,8	33,6	32,3	31,7	32,7	32,5	30,5
Fundamental completo (2)	58,1	60,5	58,7	58,7	56,9	56,6	55,4	52,7	53,8	53,8	51,6
Médio completo (3)	75,0	75,0	74,2	74,1	73,3	73,9	70,6	70,5	69,5	69,6	67,9
Superior completo	78,8	77,7	79,2	76,6	77,3	76,1	76,1	74,6	74,8	74,2	72,8

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTE/FAT.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria. (2) Inclui indivíduos com ensino médio incompleto. (3) Inclui indivíduos com ensino superior incompleto.

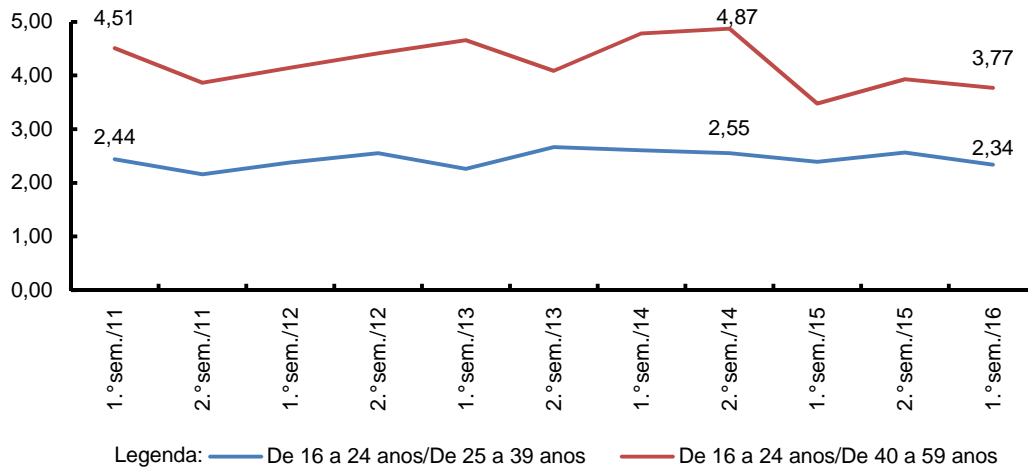
No que diz respeito ao recorte por idade da FT, para os jovens de 16 a 24 anos e para os adultos de 25 a 39 anos, no período analisado, o desemprego atingiu o seu ponto mínimo na RMPA no 2.ºsem./2013 (14,1% e 5,3% respectivamente), enquanto, para os adultos de 40 a 59 anos, isso ocorreu no 1.º sem./2014, em um patamar extremamente baixo (2,9%) — Tabela 1. Nos casos dos jovens e dos adultos de 25 a 39 anos, deve-se notar que o processo de elevação do desemprego iniciou-se antes da crise, no 2.ºsem./2014. Entre os primeiros, para tanto, foi decisiva a queda na taxa de ocupação, uma vez que a sua taxa de participação na FT evidenciou declínio, enquanto, entre os últimos, houve uma leve oscilação negativa da taxa de ocupação e positiva da taxa de participação na FT (Tabelas 2 e 3). No transcorrer da crise econômica, ocorreu um processo de elevação do desemprego para todos os grupos etários, com o que este atingiu 23,8% entre os jovens no 1.º sem./2016, 10,2% entre os adultos de 25 a 39 anos e 6,3% entre aqueles de 40 a 59 anos.

Um aspecto que chama atenção é o de que o desemprego elevou-se mais intensamente entre os adultos no 1.ºsem./2015 e no 1.ºsem./2016 (Tabela 1). Isso porque a literatura indica que o desemprego tende a aumentar de forma mais intensa entre os jovens nos períodos de crise econômica, pois eles têm inserções mais frágeis no mercado de trabalho e, assim, ficam mais suscetíveis à perda do emprego (O'Higgins, 1997; OIT, 2000; Verick, 2009).⁸ Nesse sentido, pode-se perceber que a razão entre a taxa de desemprego dos jovens e a dos adultos se encontrava em valores mais elevados no período que antecede a crise, uma vez que esta última sofreu quedas no 1.ºsem./2015 e no 1.ºsem./2016, quando se situou em 2,34 (razão jovens/adultos de 25 a 39 anos) e 3,77 (razão jovens/adultos de 40 a 59 anos) — Gráfico 8.

⁸ O'Higgins (2015) mostra, todavia, com base em uma média de 28 países da União Europeia, que o desemprego aumentou mais entre os adultos do que entre os jovens de 15 a 24 anos, na comparação de 2007 com 2014.

Gráfico 8

Razão entre as taxas de desemprego de jovens e adultos na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016

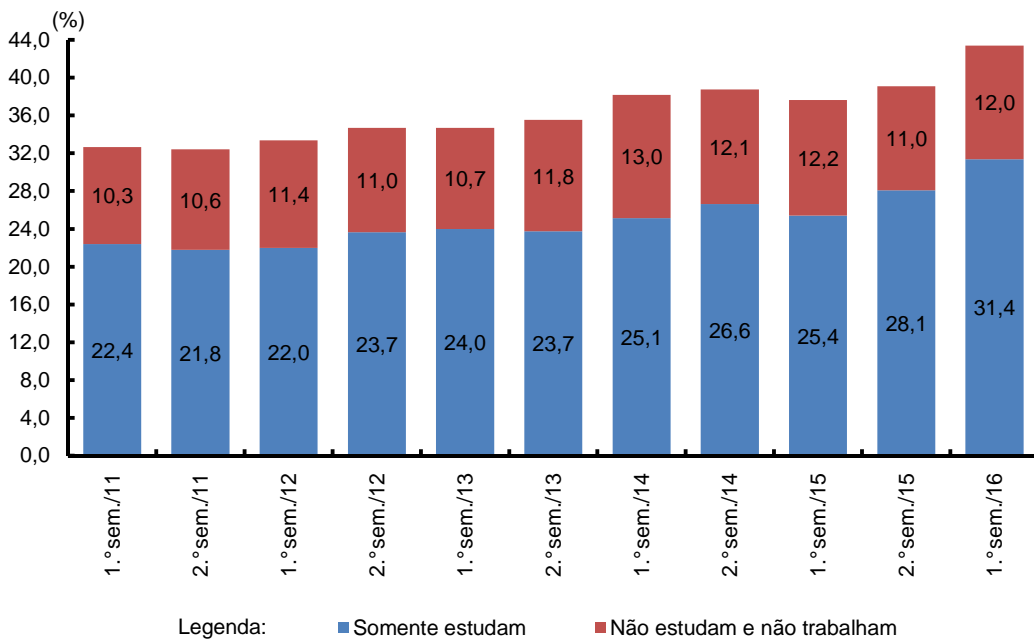


FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTE/FAT.

Foi visto que, para a configuração da trajetória do desemprego do segmento de jovens na RMPA durante a crise, concorreu o processo de descenso em sua taxa de participação na FT no 2.º sem./2015 e no 1.º sem./2016. É interessante perceber em ambos um aumento da parcela relativa de jovens que somente estudam, de 25,4% no 1.º sem./2015 para 28,1% no 2.º sem./2015 e, posteriormente, 31,4% no 1.º sem./2016 (Gráfico 9). Como a parcela relativa de jovens que não trabalham e não estudam manteve-se, no 1.º sem./2016, muito próxima à do 1.º sem./2015 — ver Gráfico 9 —, fica claro que a redução da taxa de participação na FT desse segmento populacional foi determinada pelo aumento da proporção dos que somente estudam. Todavia esse comportamento não é intuitivo, uma vez que o ambiente de crise deveria estar compelindo os jovens a retornarem ao mercado de trabalho. Ele pode, ainda assim, estar sustentando-se no processo de elevação dos rendimentos reais que ocorreu na RMPA de 2004 a 2013.

Gráfico 9

Parcelas relativas de jovens que somente estudam e de jovens que não estudam e não trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1.º sem./2011-1.º sem./2016



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTE/FAT.
 NOTA: Consideram-se jovens os indivíduos de 16 a 24 anos.

No que se refere ao recorte por **raça/cor** da FT, a taxa de desemprego da população não negra evidenciou um processo de descenso até o 2.º sem./2014, quando atingiu o seu piso (5,5%) — Tabela 1. No caso da população negra, ocorreu um processo semelhante, mas que se encerrou no 1.º sem./2014, quando a taxa de desemprego chegou ao seu menor nível (8,0%). A razão entre a taxa de desemprego de negros e a de não negros passou de 1,56 no 1.º sem./2011 para 1,43 no 1.º sem./2014, revelando uma queda da desigualdade entre ambos em termos da incidência de desemprego. Para tanto, contribuiu o fato de a redução da taxa de ocupação entre os primeiros (-0,7 ponto percentual) ter sido menor do que a entre os últimos (-1,8 ponto percentual), por um lado (Tabela 2); e, por outro, a retração da taxa de participação na FT foi um pouco maior entre os negros (-2,6 pontos percentuais) em relação aos não negros (-2,3 pontos percentuais) — Tabela 3.

Durante a crise econômica, constata-se uma tendência de crescimento do desemprego tanto para negros quanto para não negros, cujas incidências alcançaram, no 1.º sem./2016, 16,5% e 9,7% respectivamente (Tabela 1). Como a razão entre a taxa de desemprego de negros e a de não negros elevou-se para 1,70 naquele semestre, pode-se afirmar que os negros foram atingidos mais severamente pela crise. Afora esse aspecto, assinala-se que essa razão é superior à do 1.º sem./2011, evidenciando que o processo de redução da desigualdade entre os dois grupos populacionais, verificado até o 1.º sem./2014, ficou comprometido. O que mais deteriorou a situação dos negros em relação aos não negros, no ambiente da crise econômica, foi a magnitude da retração na taxa de ocupação: 5,0 pontos percentuais na comparação do 2.º sem./2014 com o 1.º sem./2016, enquanto, entre os não negros, essa redução foi de 4,1 pontos percentuais.

Quanto à **posição na família**, tanto para os indivíduos chefes como para os cônjuges, a incidência do desemprego reduziu-se até o 1.º sem./2014, quando atingiu 3,1% e 4,9% respectivamente (Tabela 1). Para os indivíduos na posição de filhos, o piso da incidência do desemprego já se havia dado no 2.º sem./2013, 11,4%, praticamente o mesmo nível verificado no 2.º sem./2014. No período de recessão econômica, o desemprego elevou-se para essas três posições na família, ainda que, para os cônjuges, tenha havido redução no 1.º sem./2016, em relação ao 2.º sem./2015. No 1.º sem./2016, as taxas de desemprego haviam alcançado, para os chefes e os filhos, os seus maiores valores desde o 1.º sem./2011, 7,5% e 20,0% respectivamente. Para os cônjuges, a taxa de desemprego de 6,8% no 1.º sem./2016 era maior do que aquelas do ano de 2014, mas, todavia, era exatamente igual à do 1.º sem./2011. Chama-se, também, a atenção de que, no 1.º sem./2016, a taxa de desemprego dos cônjuges estava abaixo da dos chefes, o que confirma que, entre os primeiros, o desemprego se agravou relativamente menos durante a recessão econômica.

Para avançar na compreensão das tendências do desemprego por posição na família, é interessante cotejá-las com o comportamento da taxa de ocupação e da taxa de participação na FT dos seus diferentes segmentos (Tabelas 2 e 3). O comportamento da taxa de ocupação dos chefes foi, em termos gerais, o mais adverso, uma vez que não evidenciou redução apenas no 1.º sem./2011. No que diz respeito aos filhos, até 2014, ano que antecedeu a crise, foi o segmento que evidenciou o desempenho mais razoável, pois a sua taxa de ocupação manteve-se acima da do 1.º sem./2011. Todavia, no 2.º sem./2015 e no 1.º sem./2016, ocorreu entre eles a mais intensa deterioração do nível ocupacional. Para os indivíduos na posição de cônjuges, a evolução da sua taxa de ocupação não foi tão adversa quanto a dos chefes, sendo exceção o ano de 2013. No contexto da retração econômica, verificou-se, inclusive, elevação do nível ocupacional dos cônjuges no 1.º sem./2015.

Combinando-se o que está acima exposto sobre a taxa de ocupação por posição na família com aspectos relacionados com a oferta de FT, pode-se afirmar que a trajetória de declínio da taxa de participação na FT dos chefes foi fundamental para o processo de redução do desemprego entre eles no período que se estendeu até 2014, bem como para limitar o seu crescimento durante a crise econômica iniciada em 2015 (Tabela 3). Ainda que mais tênue, pois circunscrita aos anos de 2013 e 2014, a redução da taxa de participação na FT dos cônjuges auxiliou no processo de queda do desemprego até este último ano. No período da recessão econômica, os acréscimos na taxa de participação na FT desse segmento no 1.º sem./2015 e no 2.º sem./2015 foram as principais causas do aumento do desemprego que nele se verificou, enquanto, no 1.º sem./2016, a sua redução foi o que determinou a queda da taxa de desemprego, dado que no mesmo — como visto acima — ocorreu retração da taxa de ocupação.

De acordo com a **escolaridade** da FT, não obstante se observem oscilações, a incidência do desemprego encaminhou-se para o seu menor nível entre os indivíduos com fundamental incompleto e os com médio completo no 1.º sem./2014, situando-se em 6,3% e 5,5% respectivamente (Tabela 1). Para aqueles com ensino fundamental completo, isto ocorreu no 2.º sem./2013 — taxa de desemprego de 8,7%. Na recessão econômica, o desemprego elevou-se para todos esses segmentos: no 1.º sem./2016, atingiu 15,5% entre os trabalhadores com ensino fundamental completo, 11,8% entre os com fundamental incompleto e 10,2% entre os com médio completo. Quando se compara o semestre que antecede a crise com o 1.º sem./2016, percebe-se que a incidência do desemprego se elevou, em termos relativos, com maior intensidade para os mais escolarizados. Assim, a razão entre a taxa de

desemprego dos indivíduos com fundamental incompleto e a daqueles com médio completo diminuiu de 1,39 no 2.º sem./2014 para 1,15 no 1.º sem./2016, e, na comparação entre os indivíduos com fundamental completo e os com médio completo, de 1,63 para 1,52.

As taxas de ocupação por níveis de educação formal tiveram uma tendência de declínio em praticamente todo o período em análise, embora evidenciando oscilações localizadas, como no 2.º sem./2011 e no 2.º se m./2012 (Tabela 2). No semestre que antecedeu a crise econômica (2.º sem./2014), as taxas de ocupação dos diferentes níveis de educação formal já se encontravam em patamares inferiores aos verificados no início do período. Dessa maneira, a redução do desemprego por níveis de escolaridade, na comparação de 2011 com 2014, foi ocasionada, em ampla medida, pelo comportamento da oferta de FT, pois as taxas de participação na FT nele registraram um processo de descenso (Tabela 3). Durante a crise econômica, o crescimento do desemprego foi provocado pela redução da taxa de ocupação e pelo aumento da taxa de participação na FT, no 1.º sem./2015 — com exceção do segmento com fundamental incompleto —, e, no 2.º sem./2015 e no 1.º sem./2016, basicamente, pela retração da taxa de ocupação para todos os níveis de educação formal.

4 Considerações finais

Nesta nota sobre o desemprego na RMPA no período recente, foi mostrado que a sua fase de descenso (2011-14) foi sustentada fundamentalmente pelo processo de redução da taxa de participação na FT, sendo exceções o 1.º sem./2011 e o 1.º sem./2012. Assim, em um contexto de modesta ou inexistente capacidade de geração de oportunidades ocupacionais, o comportamento da oferta de FT — apreendido pela taxa de participação na FT — tornou possível a continuidade da queda do desemprego. Posteriormente, na conjuntura da recessão econômica, a inflexão na trajetória do desemprego, em 2015, foi causada pela combinação da queda da taxa de ocupação com o aumento da taxa de participação na FT. Já no 1.º sem./2016, o crescimento do desemprego foi determinado pela queda da taxa de ocupação, pois a taxa de participação na FT nele diminuiu.

A decomposição do desemprego por tipo evidenciou uma redução mais intensa para o oculto no período 2011-14 e uma elevação mais acentuada para o aberto durante a recessão econômica. De acordo com a interpretação proposta nesta nota, no primeiro período, aquela tendência se coadunou com as características de um mercado de trabalho mais estruturado, no qual é maior a formalização das relações de trabalho e, em caso de os trabalhadores perderem o emprego, mais elevada é a chance de preencherem os critérios de acesso ao seguro-desemprego, podendo suportar — dentro de certos limites — a experiência do desemprego aberto. No último período, foi sugerido que o aumento do peso relativo do desemprego aberto se constituiu muito mais em uma manifestação da intensidade da contração do nível ocupacional.

O tempo médio de procura por trabalho dos desempregados registrou uma melhora considerável até o 1.º sem./2013, quando atingiu o seu piso, 4,3 meses. Após, elevou-se, situando-se em 7,2 meses no 1.º sem./2016, a maior duração de todo o período. Foi mostrado que a parcela relativa de desempregados com tempo de procura por trabalho igual ou menor do que 4,0 meses — duração máxima da concessão do seguro-desemprego no País até 2014 — ampliou-se até o 1.º sem./2014. Mesmo que essa política compensatória tenha sido estendida para até 5,0 meses, em 2015, a crise econômica aumentou muito a proporção de desempregados cujo tempo de procura por trabalho ultrapassava esse limite.

Por fim, quanto ao desemprego por características sociodemográficas da FT na RMPA, destacaram-se os seguintes aspectos: (a) de acordo com o recorte por sexo, ocorreu maior redução do desemprego entre as mulheres no período 2011-14 e menor aumento de 2015 ao 1.º sem./2016, com o que diminuiu a desigualdade na incidência do desemprego em relação aos homens; (b) o processo de elevação do desemprego durante a recessão econômica foi mais intenso entre os adultos em comparação aos jovens, fenômeno não usual em períodos de contração do nível atividade econômica; para tanto, contribuiu a acentuada ampliação da inatividade econômica no segmento juvenil, devido ao aumento da proporção daqueles que somente estudam; (c) o desemprego reduziu-se mais para a população negra no período 2011-14; durante a recessão econômica, ocorreu uma inflexão nesta tendência, pois houve maior aumento para esse segmento populacional, ampliando a desigualdade em relação aos não negros; (d) por posição na família, os indivíduos cônjuges tiveram a redução mais intensa do desemprego no período 2011-14; na recessão econômica, o desemprego elevou-se muito mais para os chefes, a ponto de sua incidência do desemprego situar-se acima da dos cônjuges no 1.º sem./2016, o que configurou uma situação singular; (e) e, por níveis de educação formal, o desemprego reduziu-se mais para os indivíduos com ensino médio completo no período 2011-14, mas, na crise, essa tendência foi revertida, pois se elevou mais entre eles.

Referências

- ARANDIA, A. Evolução do emprego formal na Região Metropolitana de Porto Alegre no período 1999-2010. In: BASTOS, R. (Coord.) **A retomada do processo de estruturação do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre na primeira década do século XXI**. Porto Alegre: FEE, 2013. P. 11-32.
- BASTOS, R. O mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre teve intensa deterioração em 2015. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 109-118, 2016. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/3721/3716>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- _____. Por que o desemprego se mantém em queda na Região Metropolitana de Porto Alegre? **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1, 2014. Disponível em: <<http://carta.fee.tche.br/article/por-que-o-desemprego-se-mantem-em-queda-na-rmpa/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- _____. Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre na primeira década do século XXI: tendências e características. In: BASTOS, R. (Coord.) **A retomada do processo de estruturação do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre na primeira década do século XXI**. Porto Alegre: FEE, 2013. P. 33-59.
- BIASOLI, P. Inversão do comportamento do desemprego entre homens e mulheres na RMPA. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 24, n. 11, p. 1, 2015. Disponível em: <<http://carta.fee.tche.br/article/inversao-do-comportamento-do-desemprego-entre-homens-e-mulheres-na-rmpa/>>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- BRANCO, I. O menor desemprego da RMPA: a melhor fase do mercado de trabalho? **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 2, 2015. Disponível em: <<http://carta.fee.tche.br/article/o-menor-desemprego-da-rmpa-a-melhor-fase-do-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- CARDOSO JR., J. As fontes de recuperação do emprego formal no Brasil e as condições para sua sustentabilidade temporal. **Revista da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 87-108, 2007.
- KREIN, J.; SANTOS, A.; MORETTO, A. Trabalho no Brasil: evolução recente e desafios. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 34, n. 124, p. 27-53, 2013.
- O'HIGGINS, N. **Youth unemployment**. Bonn: IZA, 2015. (IZA Policy Paper n. 103.) Disponível em: <<http://ftp.iza.org/pp103.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2015.
- _____. **The challenge of youth unemployment**. Geneva: ILO, 1997. (Employment and training papers n. 7.)
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO (OIT). **Panorama Laboral 2015 América Latina y el Caribe**. Lima, 2015. Disponível em: <<http://www.ilo.org/americas/publicaciones/>>. Acesso em: 11 dez. 2015.
- _____. **Emplear a los jóvenes: promover un crecimiento intensivo en empleo**. Ginebra, 2000.
- PED: conceitos, metodologia e operacionalização. São Paulo: SEADE: DIEESE, 2009.
- VERICK, S. **Who is hit hardest during a financial crisis?** The vulnerability of young men and women to unemployment in an economic downturn. Bonn: IZA, 2009. (IZA Discussion Paper n. 4359.) Disponível em: <<http://ftp.iza.org/dp4359.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- VERLINDO, J. O perfil sociodemográfico do desempregado em 2015, na RMPA. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p. 2, 2016. Disponível em: <<http://carta.fee.tche.br/article/perfil-sociodemografico-do-desempregado-em-2015-na-rmpa/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.